

DOI: 10.20911/21799024v13n1p47/2022

A experiência de Deus do Bispo do Araguaia: O compromisso de fé de Dom Pedro Casaldáliga, CMF

**The experience of God of the Bishop of Araguaia:
The faith commitment of Dom Pedro Casaldáliga, CMF**

Calmon Rodovalho Malta, CMF ¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo demonstrar a experiência religiosa de Dom Pedro Casaldáliga, CMF como bispo do Araguaia, no Estado do Mato Grosso no Brasil. Em realidade, cada dia mais conflitiva no político-religioso, optamos por demonstrar, sua experiência a partir das influências importantes em seu processo de formação e como essas ressoaram diretamente em sua postura ética como defensor dos excluídos: indígenas, trabalhadores do campo e pobres. Assim, discorreremos sobre a terminologia de experiência religiosa, em seguida buscamos saber quem foi Dom Pedro Casaldáliga e depois sua compreensão da experiência religiosa. Por fim, apresentamos seu testemunho incondicional como exemplo cristão a ser seguido. Metodologicamente seguimos a análise bibliográfica e procuramos evitar terminologias que poderiam trazer repulsa para alguns ou demasiado entusiasmo para outros relevando assim, o testemunho de fé de um bispo da Igreja Católica comprometido. Concluímos convictos de que seu testemunho de Jesus Cristo é seu maior legado.

Palavras-chave: Experiência religiosa. Fé. Testemunho. Justiça social. Dom Pedro Casaldáliga, CMF

¹ Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista CAPES.

Abstract: This article has as objective to demonstrate the religious experience of Dom Pedro Casaldáliga, CMF as bishop of Araguaia, in the state of Mato Grosso in Brazil. In reality, increasingly conflictive in the political-religious, we chose to demonstrate his experience from the important influences in his formation process and how these resonated directly in his ethical posture as a defender of the excluded: indigenous, rural workers and the poor. So, we discuss the terminology of religious experience, then we seek to know who Dom Pedro Casaldáliga was and then his understanding of religious experience. Finally, we present his unconditional testimony as a Christian example to be followed. Methodologically, we followed the bibliographic analysis and sought and avoided terminologies that could bring repulsion for some or too much enthusiasm for others, thus revealing the witness of faith of a bishop of the Catholic Church committed. We conclude with the conviction that his testimony of Jesus Christ is his greatest legacy.

Keywords: Religious experience. Faith. Testimony. Social justice. Dom Pedro Casaldáliga, CMF

Introdução

Nossa pretensão é falar sobre a experiência de Deus de Dom Pedro Casaldáliga, o Bispo do Araguaia. Para tanto, tentamos compreender, à luz da vivência religiosa de Dom Pedro, como fora compreendida, por ele, seu relacionamento com o Sagrado a partir da fé cristã.

Vivemos num tempo em que os ataques constantes à Igreja, ao Magistério atual e ao cuidado como os pobres se tornou uma grande ferida dentro na fé eclesial. A busca pelo diálogo nunca foi tão necessária quanto hoje. A destruição da imagem de pessoas religiosas, bispos, padres, leigos e leigas que procuraram e procuram se colocar do lado do povo sofredor, se tornou uma constante não apenas fora da Igreja Católica, mas, principalmente dentro dela. Compreender, entender e saber ler a vontade de Deus na vida das pessoas é de suma necessidade.

1. Compreensão terminológica

1.1. Experiência Religiosa

Toda experiência religiosa é o encontro entre duas realidades, de um lado o que está para além do eu – o Outro Absoluto, o transcendente que responde pela personalidade que denominamos Deus na linguagem cristã; do outro lado, encontra-se justamente o oposto, o eu personificado que pode ser tocado, o humano em sua multiplicidade, sua historicidade antropológica. É no encontro dessas duas realidades que se dá a experiência religiosa de cada indivíduo, entendido aqui como pessoa, ser humano, uma vez que no nível existencial, esta

vivência “trata-se de uma experiência humana, própria do ser humano e condicionada por sua forma de ser e pelo seu contexto histórico e cultural” (CROTTO, 2010, p. 41).

Tal experiência é pessoal, intransferível, mas também relacional, vivida muitas vezes pelo próprio indivíduo que mergulhando na sua interioridade, descobre um mundo profundo que o aloca diretamente para além da sua individualidade, projetando-o para a realidade das relações interpessoais, enriquecendo-o como pessoa, aberta tanto para um movimento *ad intra* (de encontro interior), como *ad extra* (de encontro com Deus e com outro). É uma experiência pessoal que desdobra sempre no comunitário, uma vez que a fé cristã é pessoal, mas sua vivência é necessariamente comunitária.

Do ponto de vista cristão a experiência religiosa se dá na relação e no encontro de Deus com sua criatura humana sua imagem e semelhança, do Criador Absoluto e infinito, com a criatura incompleta e finita. Essas duas realidades partem da livre escolha de cada um em direção ao outro. Deus sempre dá o primeiro passo. A diferença está no fato de que Deus, Absoluto por natureza, dá-se por completo e independe do querer da criatura, ao passo que a pessoa, é dependente, cabendo a ela apenas o livre direito de aceitar ou negar se relacionar ou se encontrar com o seu Criador. Isto acontece no nível da fé e da consciência de cada ser humano que busca e deseja a eternidade, a salvação.

Toda experiência religiosa se dá *a partir* de um ato de fé e *da relação* entre Criador e criatura, ou seja, entre Deus e o ser humano como indivíduo, como pessoa, tendo a realidade como mediadora histórico-social-cultural e está para além da pura razão intelectual. Tal experiência “não pode desenvolver-se por conceitos, não podemos indicar o que é a não ser observando a reação do sentimento particular que o seu contato em nós provoca” (OTTO, 2005, p. 21).

Como falado até agora, a experiência religiosa se dá no encontro, na relação estabelecida entre Deus e o ser humano. A imagem mais clara que personifica esta relação, este encontro, é a encarnação de Jesus Cristo, rosto visível de Deus que se “deu a conhecer por vontade própria” (DV, nº 2). O *logos* que se fez carne (Jo 1,14) estabelece de imediato a importância que Deus dá ao ser humano, ao mesmo tempo que eleva a humanidade à condição divina. A encarnação de Jesus é a mais clara expressividade da proximidade entre Deus e o ser humano.

Ao olhar para os evangelhos, encontramos muitos momentos em que Jesus se relaciona com alguém. Esse encontro – experiência - parece gerar uma transformação de vida do indivíduo tão profundo e intenso que somente a própria pessoa tocada é capaz de descrever. É o que Otto chama de “onda apaziguadora” (2005, p. 22) capaz de chegar ao mais profundo da consciência e do sentimento humano.

Recordemos o chamado dos doze (Mt 10,1-4), o diálogo com a Cananéia (Mc 7,24-30), a cura do cego de Jericó (Mt 20,29-34), a transfiguração (Lc 9,28-36), a conversão de Paulo (At 9,3-20) e tantos outros momentos. Para o cristão, toda experiência religiosa, uma vez que se dá na realidade existencial

do ser humano, parte de Deus e consecutivamente de um ato de fé professado em Jesus Cristo.

1.2. Fé e consciência como elementos de compreensão

A Igreja nos apresenta a fé como sendo “um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele” (CIC, nº 153). Como dom, a fé é dada, colocado no coração humano pela livre iniciativa do seu Criador. De acordo com A. Gonzáles, “a fé chega até nós de fora, não de nós mesmos. Ela nos atinge através de uma mensagem que nos anuncia a salvação que aconteceu em Cristo. É a mensagem do Evangelho” (TAMOYO, 2009, p. 219).

Jesus é o centro da fé cristã e por isso mesmo referencial mais perfeito para todos aqueles que aderem à sua mensagem. Dom Pedro guardava essa consciência. Tanto a Palavra proclamada – mensagem - quanto sua práxis são os elementos essenciais para vida e o comportamento ético cristão. São nelas que todos os crentes se baseiam para exercer sua prática religiosa.

Como elemento fundamental da vivência religiosa, a fé necessita ser compreendida, entendida. Por isso mesmo, muitos homens e mulheres ao longo da história do cristianismo buscaram dar razões, fundamento ao que chamamos de fé. Como diria Dom Pedro Casaldáliga em um de seus muitos momentos de contemplação: “por me teres feito assim, eu tento amar-te, livre, eu espero mais em ti e, mais apaixonado [...] quero me saciar de ti eternamente” (1978, p. 76).

São Tomás de Aquino, por exemplo vai dizer que “sendo a fé uma virtude teologal, [...] o seu objeto se identifica com o seu fim” (STh. II-II, q.4, a.1). Deste modo, toda ação daquele que crê está voltada para o seu fim último que é Deus. Se não for assim, perde o sentido e o significado.

A compreensão do ato de fé necessita da consciência como luz da realidade, iluminada pela graça de Deus no Espírito Santo. É ela, a fé, que abrirá a pessoa aos desafios da existência, como também, servirá de suporte para buscar as devidas respostas diante da realidade complexa da vida mediante a compreensão das coisas que nos envolvem. Como dizia Santo Anselmo, no *Prosógio*: “desejo, na medida de minhas forças, compreender tua verdade, em que crê e que ama meu coração” (2016, p. 45).

2. O Bispo do Araguaia e sua hermenêutica da realidade

2.1. Dom Pedro Casaldáliga, CMF

Para conhecer uma pessoa é necessário conhecer, ao menos, um pouco de sua história. Por sermos marcados por inúmeros fatores que nos circundam, que exercem influência em nosso modo de ser, de pensar, de agir, em suma, de nossa existência.

Deste modo, falar de Dom Pedro Casaldáliga significa procurar entender

um pouco desse ícone da fé cristã para a Igreja do Brasil e da Europa. Ele que foi amado e reconhecido por muitos e odiado e hostilizado por uma grande maioria, dentro e fora da vida eclesial.

O desconhecimento, junto com os preconceitos de cunho político ou religioso tornam-se escamas diante dos olhos que dificultam na noção de quem foi esse homem. Mas, quem foi Pedro Casaldáliga? Quais os fatores que o forjaram como pessoa e cristão ao ponto de influenciar em suas decisões existências, pastorais, religiosas e sociais?

Nascido na cidade de Balsareny, Catalunha, Espanha, em 16 de fevereiro de 1928, recebeu como nome de batismo *Pere Casaldáliga i Pla*. Filho de Montserrat Pla Rosell e Luis Casaldáliga Ribera (TAVARES, 2020, pp. 37-39). De família católica conservadora, como a maioria de seu tempo, foi criado em um laticínio em tempos de "ditadura boa", como ele mesmo afirma em seu livro *Creio na Justiça e na Esperança: "a ordem e as direitas eram, por princípio, o bem"* (1978, p. 19).

A guerra civil espanhola (1936-1939) e a segunda guerra mundial (1939-1945) marcaram a vida do Bispo do Araguaia. Para o jovem Pedro, a morte de seu tio Luiz, sacerdote martirizado pelos vermelhos, ou comunistas, junto com seus companheiros, marcou sua vida desde cedo e lhe trouxe questionamentos importantes para sua formação intelectual e posteriormente religiosa.

Quando a Igreja nos ensina que "a dignidade humana exige, [...], que o homem atue segundo a sua consciente e livre escolha" (CDSI, nº 135), está nos garantindo a possibilidade de agirmos diante de nosso presente em vista do futuro. Ao que parece, o jovem Pedro já sentia na pele a dor da injustiça imputado por forças poderosas de governo, algo que teria que enfrentar mais tarde, na defesa dos mais fracos no Mato Grosso do Brasil. Porém, nada dessas dificuldades parece retirá-lo de um caminho de fé e que fora amadurecendo à medida que crescia. Chegou a afirmar que durante a guerra, confessava-se "em estábulos e alpendres" e ajudava em "missa em Eucaristias de catacumbas" (CASALDÁLIGA, 1978, p. 19-20). Tudo sem pompas, mas repleto de fé e dignidade.

Pedro passou a ajudar na igreja que frequentava como coroinha, aquele que ajuda o sacerdote no altar durante a missa. Posteriormente, inspirado por sua avó Francisca a se tornar sacerdote - como seu tio mártir morto num campo de concentração - resolve ingressar nessa carreira. Fez seus primeiros estudos de Latim em casa, com o vigário de sua cidade, entrando no seminário de Vic, próximo a Barcelona, onde seu tio estudara, as margens do rio Ter. "Ali se fortaleceu minha vocação sacerdotal, prematura e já consciente" (Ibidem, p. 21), diz ele.

Pedro ingressou no seminário da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, ou Missionários Claretianos, fundada por Santo Antônio Maria Claret (1807-1870). Dizia que "no seminário, um pequeno grupo brincávamos de missionários, dos de verdade, perseguidos e martirizados. [...] Estes brinquedos, as visitas ao túmulo de Santo Antônio Maria Claret, [...] me

despertaram para a vertente última de minha vocação sacerdotal: seria missionário”, com o desejo de mártir de Cristo. Dos anos de formação, dedicou-se aos cursos de humanas, filosofia e teologia (Ibidem, p. 22-23).

Em seu longo processo formativo, algumas coisas forjaram a alma, a mente e o coração de Dom Pedro que vale relembrar:

Aprendi a meditar sobre as coisas de Deus. aprendi a rezar muito, já não sei se muito bem. Aprendi a amar nossa Senhora sinceramente e marilogicamente. E, no curso de filosofia, descobri Jesus Cristo e seu mistério na bíblia, em São Paulo, mais concretamente. E na teologia, o descobrir como eucaristia Pascal. Descobrir, com deslumbrada emoção, a esperançosa perspectiva da escatologia. E espreitei a Igreja; simplesmente a espreitei (CASALDÁLIGA, 1978, p. 23).

No percurso de sua formação missionária, Pedro vai deixando claro, cada vez mais, seu íntimo desejo de ir às missões. Estando em uma Congregação religiosa missionária, este desejo vai se concretizando à medida que mergulha na espiritualidade desta mesma Congregação. Como um dos firmes elementos do patrimônio espiritual de sua ordem missionária, Santo Antônio Maria Claret, deixou como legado para seus filhos espirituais o que chamou de definição do missionário. Nela está bem delineado o perfil que deve ter um membro de sua ordem. Nela Dom Pedro se inspira na seguinte afirmação: um Filho do Imaculado Coração de Maria (Claretiano) é “um homem que arde em caridade, que abraça por onde passa...” (Ibidem, p. 24).

Em 11 de maio de 1952, foi ordenado padre durante o Congresso Eucarístico de Barcelona, junto com mais novecentos outros jovens de todo o mundo. Sua primeira missa foi rezada aos 24 anos de idade, “sobre a chama de Pentecostes”, segundo ele, no Santuário do Coração de Maria em Barcelona (TAVARES, 2020, p. 40; CASALDÁLIGA, 1978, p.24).

Seu primeiro destino como sacerdote foi para cidade de Sabadell, província de Barcelona onde trabalhou em um colégio por seis anos. Em seguida, foi transferido para Barcelona para ajudar em uma comunidade dos missionários que exerciam seus trabalhos em colégio, Igreja, Casa Provincial e com as juventudes. “Em Barcelona completei mais universalmente, mas brutalmente a humana experiência da migração, do trabalho, da família, da chamada sociedade, do vício, do remorso, da dor e das ilusões” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 25).

De Barcelona foi enviado para as missões na África, especificamente em Guiné. Contra a vontade dos colonizadores, ministrou cursos “mistos” para brancos e pretos. Dizia: “senti fisicamente a África, colonizada e catequizada, com o golpe do ar tropical que me invadiu os pulmões no aeroporto Caiado da Nigéria”. Ao retornar à Barcelona para uma nova função, deixava claro que “trazia para sempre, no coração, [...], a África, o Terceiro Mundo, os pobres da Terra e essa nova Igreja - a Igreja dos Pobres -, assim denominada mais tarde, a partir do Concílio” (Ibidem, p. 26).

Com a advento do Concílio Vaticano II (1962-65), veio todo o entusiasmo de transformação e renovação da própria Igreja, consecutivamente da Congre-

gação a que pertencia. Em 1967 com o Capítulo Geral de Renovação, “a Congregação sentiu com lucidez a verdade do carisma Claretiano [...], saímos dele um tanto marcados para uma renovada vida religiosa e Apostólica. O ‘anúncio da Palavra’ era nossa missão na Igreja. Devíamos viver o Vaticano II” (Ibidem, p. 28).

Foi em janeiro de 1968, que o então Pe. Pedro Casaldáliga, CMF e o Pe. Manuel Luzón, CMF trocaram “os 11 graus abaixo de zero de Madrid pelos 38 graus acima de zero do aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro”. Seu destino era fundar, a pedido da Santa Sé, uma missão Claretiana na região norte do Mato Grosso, segundo ele, “era um pulo no vazio do outro mundo. Eu tinha conseguido, finalmente, o que tinha sonhado e pedido e procurado [...], durante todos os dias de minha vida e vocação: as missões” (Ibidem, p. 29).

3. O lugar da experiência religiosa

3.1. Cristo como pedra angular

Como dito anteriormente, a experiência religiosa acontece mediante o encontro entre Deus e o ser humano. Este encontro tem um rosto visível, uma história, uma mensagem dita aos homens e mulheres de seu tempo e do nosso tempo, Jesus Cristo. “O Deus e Pai; o Espírito do crucificado e ressuscitado, ‘deramado em nossos corações’ (Rm 5,5), é o Espírito que nos anima; a fé de Jesus (Hb 12,2) é a nossa fé” (CASALDÁLIGA, 2008, p. 20).

De fato, num primeiro momento, parece simplista afirmar que Jesus é o centro da fé cristã, que Ele é a “pedra angular” (cf. Mc 12,10, Sl 118,22, At 4,11), pois todos sabemos, porém, fora rejeitado e à medida que se vai adentrando no processo do reconhecimento e da aplicação, da vivência desta fé, vai-se percebendo que as imagens formadas de Cristo muitas vezes não condizem com o próprio Cristo revelado nos evangelhos.

Para afirmar como Dom Pedro Casaldáliga que “a fé de Jesus é a nossa”, o cristão necessita fazer uma experiência profunda com Jesus, na graça do Espírito Santo. Esta experiência leva a um novo patamar, um patamar superior à primeira experiência, haja vista que instiga o desejo de conhecer mais profundamente quem é este Jesus Cristo. Contudo, quem é esse Jesus Cristo para este Bispo do Araguaia?

Dom Pedro deixa claro que desde seus tempos de estudantes, a Palavra de Deus marcou profundamente sua vida, principalmente depois da leitura da vida de alguns santos e santas. Destaca-se, entre esses, Santa Terezinha do Menino Jesus, sua “companheira de vida”. Dizia ele que “a bíblia [Ihe] foi aberta pela *História de uma Alma*. Isaías e João chegaram até mim pela mão da pequena Carmelita de Lisieux” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 180). Então, o jovem Pedro vai descobrindo que os Evangelhos afirmam que Jesus é “o Filho de Davi” para Mateus (1,1), o “Filho de Deus” para Marcos (1,1), o “Filho do Altíssimo” para Lucas (1,31) ou ainda “o Verbo que se fez carne” (1,14), o “Cordeiro de Deus” (1,29)

para João.

É certo que não podemos nos tempos de hoje, em uma sociedade marcada pelo pluralismo religioso de um lado e pela negação da religião do outro, não saber em quem professamos nossa fé. "A mensagem cristã não terá a possibilidade de ser entendida hoje se não for testemunha do Deus bíblico e do Deus definitivamente manifestado em Jesus Cristo" (SESBOUE, 1999, p. 113). É justamente a partir do "Verbo" de João que Casaldáliga deixa evidente que para ele Jesus Cristo é "o Verbo [que] se faz Encarnação no terreno concreto de cada pessoa humana" e por isso mesmo "ultrapassa' a Si mesmo, fora do Evangelho, aquém do Evangelho, na Igreja que é seu Corpo e na História da Humanidade redimida que é sua planificação" (CASALDÁLIGA, 1978, p. 181-182).

3.2. O "outro" como lugar da experiência de Deus

O mandamento novo de Jesus "amar a Deus e amar o próximo" (Mt 22,36-40) certamente é o ponto de partida do olhar de Dom Pedro sobre as pessoas, principalmente os excluídos e as minorias. O "outro" não é apenas mais um que deve ser evangelizado ou ajudado, é "imagem e semelhança de Deus" (Gn 1,26) e por isso mesmo não pode ser desprezado em sua dignidade.

Parece ficar claro, no modo de pensar e viver a fé de Dom Pedro, que a encarnação do Verbo, o *logos* feito carne, assume a característica humana com o intuito de dignificar nossa humanidade. Cuidar do outro como irmão, irmã é cuidar do próprio Senhor. Jesus mesmo recorda isso nos evangelhos: "todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes" (Mt 25,40). Desprezar as pessoas, por seu modo de pensar diferente, sua classe social, religiosa, gênero, cor etc., é desprezar o próprio Jesus e suas palavras para esses são duras: "retirai-vos de mim, malditos" (Mt 25,41).

Para Dom Pedro, a encarnação de Jesus "fez-se história, cultura, povo. [...] É um ato e um processo: 'O lento acostumar-se de Deus a ser humano', dizia belamente Santo Irineu, o bispo mártir do século III" (CASALDÁLIGA, 2008, p. 31). Sendo assim, a experiência religiosa, ou de Deus, requer uma abertura ao transcendente, à ação do Espírito Santo que nos conduz e conduz a Igreja, fazendo a vontade de Deus acontecer diante de cada realidade de seu povo. Essa experiência é também um sair de si mesmo, sem medo, crendo na força de Deus pelo Espírito como se deu em Pentecostes.

O Papa Francisco nos ensina que a "alegria de comunicar Jesus Cristo exprime-se tanto na sua preocupação por anunciá-Lo noutros lugares mais necessitados, como numa constante saída para as periferias do seu território ou para os novos âmbitos socioculturais" (EG, nº 30). Nestas periferias encontramos rostos de Deus distintos, cheios de histórias, beleza, angústias e alegrias, vida e fé. Estar com cada um deles é estar com o Cristo vivo, pois "não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração" (GS, nº 1).

O papa emérito Bento XVI ensinava que "amar alguém é querer o seu bem

e trabalhar eficazmente pelo mesmo” (ChV, nº 7). Quando entendemos que nossa experiência de Deus nos leva ao encontro do outro, como lugar sagrado, imagem do Criador, temos a capacidade de nos colocar em seu lugar, sentir suas dores e alegrias, temos a capacidade de ao mesmo tempo transitar entre o divino e o humano, entre a fé e a vida que nos foi dada por Deus por amor, pois, “o amor [...] é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade” (ChV, nº 1).

Segundo Dom Pedro “Jesus foi definido como um ‘um ser para o Outro um ser para os demais’. [...] Suas entranhas comovem-se diante de situações de humilhação ou desespero e perante as multidões abandonadas à sua sorte, ‘como ovelhas sem pastor’ (Mc 6,34)” (CASALDÁLIGA, 2008, p. 32).

3.3. A justiça social como antecipação do Reino de Deus

“É fácil ter fé *em* Jesus, o difícil é ter a fé *de* Jesus” (CASALDÁLIGA, 2008, p. 20). Apoiado no pensamento de Juan L. Segundo, vemos em Dom Pedro Casaldáliga uma profunda consciência a respeito da fé e de seus desdobramentos, suas consequências. Para ele “a espiritualidade cristã é, a espiritualidade de Jesus, segundo o seu Espírito. Sua opção deverá ser nossa opção, suas atitudes nossas atitudes, sua práxis nossa práxis” (Ibidem). Por isso assume o projeto de vida Jesus apresentado no evangelho de Lucas, como seu: “o Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a Boa Nova aos pobres” (4,18).

Sobre este ponto de vista não é possível olhar para Jesus sem contemplar o Reino de Deus que Ele apresenta, Reino de “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17).

Para àqueles que olham de fora, talvez um dos elementos mais visíveis na vida deste Bispo do Araguaia, seja de fato, a luta pela justiça social. Dom Pedro consumiu todo o seu existir, fundamentado no evangelho e na sua própria experiência do amor de Deus, na causa daqueles que sempre foram colocados à margem da sociedade. Esta é uma marca inapagável de sua espiritualidade, uma espiritualidade que liberta das amarras idolátricas do tempo presente – dinheiro, prazer, poder - em vista da Jerusalém do alto, do Reino dos Céus. Uma espiritualidade comprometida como a de Jesus com grupos minoritários, como por exemplo os indígenas, sem-terra, as mulheres, negros; ou com a luta pelo meio ambiente, pelos pobres e por uma maior dignidade da pessoa humana entendida como um todo, como imagem de Deus.

Porém, a Doutrina Católica desenvolvida ao longo dos seus mais de vinte séculos, é clara ao afirmar que “a Igreja não se cansa de anunciar o evangelho que propicia salvação e autêntica liberdade, mesmo nas coisas temporais” (CDSI, nº 2), ou ainda, “ao descobrir-se amado por Deus, o homem compreende a própria dignidade transcendente”, ou que “somente o amor é capaz de transformar de modo radical as relações que os seres humanos têm entre si” (Ibidem, nº 4). O Concílio Vaticano II, por sua vez, afirma como doutrina “que a Igreja

envolve com amor todos os que sofrem. Reconheceu nos pobres e nos desvalidos a imagem de seu fundador, pobre e sofredor, empenha-se em combater a pobreza e se coloca a serviço dos pobres, como a serviço de Cristo” (LG, nº 8).

Olhando de modo sensível toda a formação de Dom Pedro ao longo de sua vida de seminário, suas diferentes missões assumidas como missionário e seu profundo desejo de servir os mais pobres, principalmente a partir de sua experiência missionária na África, inferimos que para este homem, as palavras do Evangelho e os ensinamentos da Igreja, principalmente iluminadas pelo Vaticano II e pelas conferências episcopais latino-americanas, tais como Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida e por todo o Magistério da Igreja em seu conjunto, exerceu uma grande influência na sua experiência religiosa, na sua visão de mundo. Para Dom Pedro “o Deus de Jesus é o Deus do Reino. Todos os outros deuses são ídolos”. Segundo ele, a espiritualidade cristã consiste, fundamentalmente “em professar, praticar, anunciar e esperar o Deus de Jesus, que é o Deus do Reino” (CASALDÁLIGA, 2008, p. 26).

É certo afirmar que em sua vida existiu um entrelaçamento, às vezes exagerado pela paixão em ajudar os mais pobres, entre religião e política. Por esse motivo ele também foi atacado e perseguido por ser radical ao evangelho e ao mesmo tempo denunciar as injustiças contra o povo de Deus, isto até lhe custou divergências com a própria Igreja, mas nunca desobediência ou separação. Contudo, nasce o questionamento: não seria este o caminho do discípulo de Cristo? Viver como Jesus viveu? Como afirma o próprio evangelho “sereis entregues até por vossos pais, vossos irmãos, vossos parentes e vossos amigos, e matarão muitos de vós. Sereis odiados por todos por causa do meu nome” (Lc 21,16-17), para esses discípulos e discípulas do Mestre uma consolação: “aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mt 24,13).

Somente um verdadeiro místico embebido de uma profunda experiência em Deus é capaz de se colocar ao lado daqueles que Deus elegeu como os seus filhos prediletos, compreendendo e colocando em prática o mandamento novo de Jesus. Foi assim com Francisco de Assis, Madre Tereza, Irmã Dulce e muitos outros. Mas nada disso seria possível sem uma íntima relação com Deus experimentada na oração, na misericórdia e na conversão diária. Sobre isto afirma: “venho guardando para com a oração uma inevitável fidelidade, que foi uma graça, companheira de todas as rotas de minha vida” (CASALDÁLIGA, 1978, p. 192).

4. Testemunho para um Igreja em saída

4.1. Do discurso à prática

Quando falamos em experiência religiosa é necessário perceber que existe uma diferença entre o discurso religioso e a prática religiosa. Muitos ao longo da história e em nosso tempo conseguem de fato ter um discurso religioso bonito, perfeito, encantador, atraente, porém, ao se observar mais a fundo seu próprio

estilo de vida, vê-se uma disparidade, uma distorção entre aquilo que é ensinado e aquilo que é praticado. O próprio Jesus ao se dirigir aos escribas e fariseus vai chamá-los de “hipócritas e sepulcros caiados” (Mt 23,23-30) justamente por sua falta de coerência, de testemunha.

O Papa Francisco olhando esta realidade classifica-a de “mundanismo espiritual”, ou seja, um modo de ser “que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, [e que] busca em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (EG, nº 93). Para todo e qualquer cristão, viver o testemunho da palavra de Deus no meio do mundo só se torna possível graças a força do Espírito Santo naquele que se abre e que se deixa conduzir.

Esta graça divina é traduzida em obras à medida que se estabelece mais intimamente sua relação com Deus. Com Dom Pedro isso não foi diferente, toda sua força exterior nada mais era que um reflexo da sua vida interior experimentada na oração e nos sacramentos. Afirma ele: “nunca reneguei a oração, não a subestimei nunca. Creio na oração. [...] Por Ela guardo uma inefável fidelidade”; “também nunca pude prescindir das visitas ao [Santíssimo] Sacramento. Porque creio na presença real, sacramentada”; do mesmo, “a Eucaristia tornou-se-me verdadeiramente a Páscoa do Senhor. Amo a missa. Creio que a celebro com sentido. Como a celebração do Sacrifício, a Aliança, o Encontro” e “continuo confessando-me com frequência. E a confissão me liberta e me robustece, como um banho no sangue reconciliador” (CASALDÁLIGA, 2008, p. 192).

Dom Pedro procurou com sua própria vida se afastar de uma religiosidade desconectada com a realidade do evangelho e da vida e procurou deixar-se configurar com Cristo pobre e sofrido, como fizeram grande santos e santas, os mártires e homens e mulheres leigos na vida da Igreja ao longo da história. Tinha convicção de que “Jesus nasceu pobre, de uma família trabalhadora pobre, viveu como pobre e entre os pobres e se situou sempre na perspectiva dos pobres [...] e em sintonia com os interesses vitais dos pobres” (CASALDÁLIGA, 2008, p. 33).

Na sua consciência não há outro modo para se viver a fé, para se testemunhar a vida cristã, senão o modo como o que Jesus viveu. Como afirma a Igreja, o sacerdote “não pode ser ministro de Cristo sem testemunhar e estar a serviço de algo que ultrapassa a vida terrena; como não poderiam servir aos seres humanos se permanecessem alheios às suas reais condições de vida” (PO, nº 3).

Deste modo tão radical procurou sê-lo, exprimindo na sua forma de vida cotidiana a vida de Jesus. Diante dos muitos exemplos que poderíamos tomar, destaco um, sua ordenação episcopal, sinal para seu estilo de vida até a morte. De acordo com Antônio Canuto, em 23 de outubro de 1971, na cidade de São Félix do Araguaia, à beira do rio, deu-se a consagração como bispo do então padre Pedro Casaldáliga, CMF, em “uma celebração carregada de fé, de simplicidade e de cheiro do povo e que teve o Araguaia como testemunha” (CANUTO, 2021, p. 101).

As insígnias episcopais, normalmente sinais do poder eclesial, e porque

não temporal, foram trocadas por insígnias que o aproximavam do seu rebanho. “A mitra foi substituída por um chapéu de palha sertanejo. Um remo, feito pelos Tapirapé, substituiu o báculo. O anel de tucum, feito pelos índios da região, marcaria o compromisso com sua causa”. O cartão-lembrança distribuído aos presentes explicava estes sinais, assim como “as leituras bíblicas, traduzidas para a linguagem regional, lembravam o compromisso que o bispo assumia naquele momento” (Ibidem, pg. 101-102).

Parece contraditório à primeira vista, que um bispo tenha deixado de lado aqueles que são os sinais do seu poder, mas para Dom Pedro o verdadeiro poder é servir a Deus e o Seu povo do mesmo modo como Jesus serviu (Jo 13). Como ensina a Igreja, “todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo de que se revestiram pelo Batismo” (AG, nº 11). E aos bispos determina que “expliquem a doutrina cristã com métodos apropriados às necessidades dos tempos, isto é, que respondam às dificuldades e problemas que mais preocupam e angustiam os homens” (ChD, nº 13). Com este modo de ser o bispo do Araguaia passa do discurso à prática, em um testemunho consciente do Evangelho e da radicalidade dos ensinamentos da doutrina católica no meio do povo.

Conclusão

Depois de todo o percurso transcorrido tentando demonstrar a experiência religiosa, experiência de Deus de Dom Pedro Casaldáliga, o Bispo do Araguaia, saiu convicto de que toda experiência religiosa é única, particular, interior e ir-repetível. É um momento de encontro entre duas realidades distintas, mas, ao mesmo tempo, simbioticamente unidas, que se dá na relação de Deus e do ser humano. Como a fonte cristã da espiritualidade é Jesus Cristo, esta íntima união se caracteriza pela abertura à sua Palavra e mensagem que fazem com que a pessoa, ao mergulhar na experiência da graça pelo Espírito, compreenda interiormente a vontade de Deus para a sua vida e para a sua ação em sociedade. Cristo é o fundamento de toda a experiência cristã de fé, sua mensagem o princípio ético de nossas relações humanas.

Como todo cristão, chamado a viver mais intimamente a vida com Jesus na Igreja e na sociedade, Dom Pedro Casaldáliga, CMF emerge às margens do Rio Araguaia, no Mato Grosso, como uma voz capaz de traduzir a realidade e a necessidade de seu povo, rebanho a ele confiado. Traduz o evangelho em anúncio e denúncia, ao mesmo tempo que com seu estilo de vida simples e despojado, testemunha sua experiência de Deus e sua fé em Jesus Cristo. No meu ponto de vista, a experiência religiosa de Dom Pedro se traduz na aplicação do mandamento novo de Jesus, “amar a Deus e ao próximo”. Um amor incondicional que vai além das palavras pronunciadas. Um amor capaz de lutar, de sofrer e se preciso for, de morrer pela dignidade dos filhos e filhas de Deus, seu rebanho, seu povo, Povo de Deus.

Como qualquer outro cristão, o Bispo do Araguaia em sua humanidade, passou por momentos controversos, inclusive com a própria Igreja, foi stig-

matizado como defensor de ideologias contrárias a fé, incompreendido à luz do evangelho e da práxis de Jesus, como muitos ainda hoje, contudo, jamais deixou de ser fiel a Palavra de Deus e ao Magistério da Mãe Igreja. Suas críticas tornaram-se alertas e chamada de atenção para que a Igreja não se distanciasse daquilo que o próprio Cristo a chamou a se: anunciadora da Boa Nova do Reino de Deus.

Seu amor pela Igreja não podia se expressar de maneira diferente senão pela fidelidade radical ao que foi chamado a viver pelo Espírito Santo, testemunha profética e amorosa de Jesus Cristo, Verbo encarnado na história e na realidade humana. Sua vida foi um desenvolvimento daquilo que foi forjado a ser, desde os tempos de seminário e como Missionário Filho do Coração de Maria, “um homem que arde em caridade”, como ensinou o fundador de sua Congregação Religiosa.

Dom Pedro Casaldáliga, CMF é a tradução viva da consciência profética da Igreja. Seu cuidado, sua ternura, sua poesia e sua arte são a interpretação do evangelho colocado a serviço da justiça social e de todo o Povo de Deus.

Assim como Jesus não tinha onde reclinar a cabeça, seu testemunho de homem pobre, de um Bispo pobre e despojado brada em dois lugares significativos do Araguaia: sua simples casa sem reboco e seu túmulo na terra às margens do rio que tanto amava contemplar.

No Jardim de Deus chamado Amazônia, uma árvore frondosa de raízes sólidas e profundas nos deixa um legado de sombras refrescantes e beleza inconfundível. De luta e de esperança por dias melhores para todos e não somente para uns poucos. Cabe a cada um de nós cuidar de tal legado, amando a Deus e ao próximo comprometido com a justiça.

Bibliografia

ANSELMO DE CANTUÁRIA, Sto. *Proslógio*. Edição bilíngue. Porto Alegre, RS: Concreta, 2016.

BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Sobre o desenvolvimento Humano integral na caridade e na verdade. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>. Acesso em: 01/Dez./2021.

BÍBLIA SAGRADA. Ave Maria. 5ª ed. São Paulo: Ave Maria, 2019.

CANUTO, A. Ventos de profecia na Amazônia. 50 anos da Prelazia de São Félix do Araguaia. Goiânia: Ed. PUC-Goiás, São Paulo: Paulinas, 2021.

CASALDÁLIGA, D. P. *Creio na Justiça e na Esperança*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CASALDÁLIGA, D. P. *Nossa Espiritualidade*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html>. Acesso em:

28/nov./2021.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Dei Verbum*. Sobre a Revelação divina. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Lumen Gentium*. Sobre a Igreja. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Gaudium et Spes*. Sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CROATTO, J. S. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DECRETO *Ad Gentess*. Sobre a atividade missionária da Igreja. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DECRETO *Christus Dominus*. Sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DECRETO *Optatam Totius*. Sobre formação sacerdotal. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DECRETO *Presbyterorum Ordinis*. Sobre o ministério e a vida sacerdotal. In: VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A Alegria do Evangelho*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 1º ed. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

GONZÁLEZ, A. *Fé*. In TAMAYO, J. J (org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 219.

OTTO, R. *O Sagrado*. Lisboa: Edições70, 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Paulinas: 2005.

SESBOÜÉ, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milênio*. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2003.

TAVARES, A. H. *Um Bispo contra todas as cercas. A vida e as causas de Pedro Casaldáliga*. Petrópolis: Vozes, 2020.

TOMAS AQUINO, Sto. In: <<http://santamariadasvitorias.org/suma-teologica/iia-iiiae-parte/tratado-sobre-a-fe/questao-8-do-dom-do-intelecto/artigo-1-se-o-intelecto-e-um-dom-do-espírito-santo/>>. Acesso em: 24/nov/21